



Olímpia de Épiro na visão de Plutarco de Queroneia: representações da rainha macedônica na *Vida de Alexandre*

Olympias of Epirus in the vision of Plutarch of Chaeronea: representations of the Macedonian queen in the Life of Alexander

Olimpias de Epiro en la visión de Plutarco de Queroneia: representaciones de la reina macedonia en la Vida de Alejandro

Henrique Hamester Pause [*]

[*] Atualmente é doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Semíramis Corsi Silva (UFU/MG – UFSM/RS), e Bolsista CAPES. É mestre e graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Autor do Livro ‘Alexandre Magno como Homem-Fronteira: virilidade e identidade greco-romana na construção do monarca macedônio de Plutarco e Arriano’ publicado em 2024, pela editora Cabana.

Resumo: Olímpia de Épiro é uma figura que vem sendo representada nos textos como uma sombra de seu filho, Alexandre, o Grande. Uma das razões para essa visão mais limitada é de que as informações que dispomos sobre Olímpia são bastante limitadas e, em grande parte, advêm dos relatos de Plutarco de Queroneia (46 – 120 d.C.), um escritor grego que, ao dissertar sobre a vida Alexandre, acaba nos deixando valiosos relatos sobre sua mãe. O objetivo deste artigo, portanto, será analisar as representações da rainha Olímpia na biografia *Vida de Alexandre*, parte das *Vidas Paralelas* de Plutarco, compreendendo sua importância política, a fim de entendermos um pouco mais dessa figura histórica que merece maior destaque.

Palavras-chave: Alexandre Magno; Olímpia de Épiro; Plutarco.

Abstract: Olympias of Epirus is a figure who, the surplus of his son, Alexander the Great. The information available to us is very limited, making us almost at the mercy of the reports of Plutarch of Queroneia (46 – 120 A.D.), a Greek writer who, when speaking about Alexander, ends up leaving us valuable reports about Olympias. The purpose of this article, therefore, will be to analyze representations of Queen Olympias in the biography *Life of Alexander*, part of Plutarch's *Parallel*

Lives, understanding its political importance, in order to understand a little more about this historical figure who deserves greater prominence.

Keywords: Alexander the Great; Olympias of Epirus; Plutarch.

Resumen: Olimpías de Epiro es una figura representada en los textos a la sombra de su hijo, Alejandro Magno. La información que tenemos sobre Olimpia es bastante limitada y, en gran medida, proviene de los relatos de Plutarco de Queronea (46 – 120 d.C.), escritor griego que al hablar de Alejandro acaba dejándonos valiosos relatos sobre su madre. El objetivo de este artículo, por tanto, será analizar las representaciones de la reina Olimpia en la biografía *Vida de Alejandro*, parte de *Vidas paralelas* de Plutarco, entendiendo su importancia política, para poder comprender un poco más a esta figura histórica que merece mayor protagonismo.

Palabras clave: Alejandro Magno; Olimpia de Epiro; Plutarco.

Introdução

Olimpia fez parte de um séquito de mulheres que estiveram presentes na vida de Alexandre, o Grande, e que o influenciaram de alguma maneira. Segundo Ogden (2011), se focássemos apenas nas mulheres que tiveram alguma relação amorosa, sentimental ou simplesmente sexual com o rei macedônico, conforme os textos, contaríamos em torno de sete mulheres: Roxana, Estatira, Parisátis, Barsine, Tais, Calíxena e Campaspe. Isso porque ainda estaríamos excluindo os homens que Alexandre teria mantido alguma dessas relações de acordo com as representações construídas, e às quais temos acesso, sobre a trajetória, conquistas e morte do rei macedônio.¹ Olimpia, sua mãe, porém, nos parece ter sido a mulher que mais influenciou a vida de Alexandre (Serrano 2014), assim, debruçemo-nos a analisar a obra *Vida de Alexandre* para compreender este papel por ela desempenhado.

Plutarco de Queroneia, autor escolhido para este trabalho, viveu no contexto do Império Romano entre meados do século I e II d.C. e é o escritor que mais dá atenção à rainha macedônica em suas obras que retratam Alexandre. Nosso autor irá dedicar duas obras inteiras sobre Alexandre, sua vida e suas campanhas. A primeira, *Sobre a Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*, é uma composição em forma de discurso, possivelmente, escrita no começo da vida literária de Plutarco e

¹ Segundo Henrique Modanez Sant'Anna (2011), as fontes para estudo da vida de Alexandre na Antiguidade se resumem nas obras de cinco escritores romanos: Arriano de Nicomédia, Diodoro Siculo, Justino, Quinto Cúrcio e Plutarco. Esses são responsáveis por nos fornecer não só o acesso às histórias e façanhas de Alexandre, como também o que possivelmente foi escrito e relatado sobre ele logo após sua morte, pois as fontes contemporâneas de Alexandre se perderam (Pause 2021).

dedicada a combater uma corrente depreciativa sobre Alexandre, chamada de “discurso da Fortuna”, ao colocar que não teria sido a sorte (vista como a deusa romana Fortuna) que teria feito Alexandre conquistar seu imenso império, mas, sim, suas virtudes (Liparotti 2017). A segunda, *Vida de Alexandre*, é uma biografia escrita posteriormente ao ano de 96 d.C., sendo essa, ao lado da *Vida de Júlio César*, parte da coletânea de biografias intitulada *Vidas Paralelas*.²

Para esse artigo, contudo, centraremos nossa análise na obra *Alex*.³, refletindo sobre como a mãe do conquistador dos persas é retratada⁴. A escolha dessa obra se baseia na quantidade de dados disponíveis sobre Olímpia que, segundo Santos e Contador (2013), poderia ser classificada como uma espécie de minibiografia de Olímpia dentro da biografia de Alexandre. Em nossas pesquisas, acreditamos que Plutarco, ao lado de seu quase contemporâneo Arriano de Nicomédia, outro grego que também dedica uma obra sobre Alexandre, chamada *Anábase de Alexandre Magno*, buscava criar na figura do rei macedônico um exemplo a ser seguido enquanto homem, conquistador e governante. Percebemos, então, que Alexandre figura aquilo que o pesquisador francês Hartog (2004) chama de *Homem-Fronteira*, isto é, aquele que transita entre universos culturais e, de alguma maneira, ajuda a entender o *nós*, o *eu*, frente a construção de algum *outro*. No caso do Alexandre de Plutarco, assim como de Arriano, vemos um Alexandre como ideal da *paidéia* grega que se barbariza/orientaliza⁵ e perde sua virilidade/masculinidade na medida em que conquista e adentra o território estrangeiro, dos persas. Porém, Plutarco não ensina somente através das virtudes e dos acertos de Alexandre, mas também pelos seus vícios e erros.

Sabendo disso, ao passarmos para as análises sobre Olímpia, ou:

[...] quando voltamos nossa atenção para estes fragmentos, podemos perceber que ao mesmo tempo em que Olímpia é uma rainha, esposa de Felipe II, e mãe de Alexandre, o Grande, ela é também apresentada como tendo comportamentos desviantes e categorizada como “bárbara” por causa de tais práticas. Parece que a intenção de Plutarco em representá-la assim não está relacionada com o fato de ser uma rainha macedônica, pois o mesmo tratamento não é aplicado nem ao seu marido, nem ao seu filho. (Santos e Contador 2013, 177).

² Neste artigo, utilizamos as seguintes traduções das fontes principais da pesquisa: *Vidas Paralelas*, de Plutarco - tradução grego/espanhol publicada pelo Editorial Gredos e a edição bilingue grego/inglês publicada pela Harvard University Press; *Sobre a Fortuna ou Virtude de Alexandre Magno* - tradução grego/português da Editora da Universidade de Coimbra/Annablume, tradução grego/espanhol da Editora Gredos e edição bilingue grego/inglês publicada pela Editora Harvard University Press. Recorremos aos termos gregos, quando necessário, usando as edições bilíngues.

³ Utilizamos, neste artigo, a abreviação *Alex*. para referir-se à obra *Vida de Alexandre*, de Plutarco.

⁴ Este artigo foi inspirado em nosso podcast Mulheres da Antiguidade #4: Olímpia de Épiro – comentários por Henrique Hamester Pause, promovido e publicado pelo canal Diálogos Olímpianos, trazendo maiores reflexões ao que foi apresentado nessa primeira oportunidade. Da mesma forma, Olímpia de Épiro é uma pesquisa paralela desenvolvida por nós em nosso mestrado, defendido em 2021 e publicado, posteriormente, como livro – já mencionado na biografia do autor.

⁵ Para mais procurar pelos trabalhos de Thiago Biazotto do Amaral cuja dissertação (Biazotto 2016) é parte das referências bibliográficas deste artigo.

Da mesma forma, acreditamos que, ao representar a mãe de Alexandre sendo portadora de vícios e de comportamentos tidos como bárbaros, Plutarco buscava criar um modelo do que não devia ser seguido pela mulher romana do século I e II d.C., ou seja, criava um antimodelo, em nossa leitura. Sendo assim, retiramos da *Alex.* uma série de fragmentos que nos serão úteis para a realização de uma análise sobre a visão que o queronês nos delega a respeito de Olímpia de Épiro. Todos os trechos selecionados aqui são citados de forma indireta, de modo a facilitar o acompanhamento por parte do leitor, visando algumas reflexões e algumas análises.

Olímpia de Épiro: a personagem histórica

Olímpia (em grego: Ὀλυμπιάς) nasceu por volta do ano 376 a.C. e foi uma princesa de Épiro, filha do rei Neoptólemo I de Épiro e pertencente à dinastia Eácida. Sua família reivindicava descendência da deusa Tétis, ninfa do mar que teria se casado com o mortal Peleu, rei da Fítia (Tessália). Desse casamento teria nascido Aquiles, o herói épico por excelência, o melhor dos Aqueus, ao qual Alexandre, mais tarde, irá manter relações íntimas de inspiração (Pause 2019, 125).

Em sua *História de Alexandre, o Grande* (em alemão: *Geschichte Alexanders des Grossen*), considerada atualmente um clássico para os estudos sobre o Helenismo e Alexandre, apesar de tomarmos suas afirmações com cuidado visto o período e o tempo que já se passou desde sua produção, o historiador Droysen (2010) mostra-se preocupado com as representações que Plutarco fez sobre Olímpia, e ainda nos deixa uma descrição da rainha, afirmando que a mesma era “bela, desconfiada” e possuidora de vários “ardores contidos” (Droysen 2010, 70). Essas características, em nosso ver, possivelmente vieram das descrições de Plutarco sobre a rainha macedônica.

Figuras 1 e 2 – Medalhão de Olímpia e Medalhão de Tétis, c. 215 – 243, Aboukir, Egito.



Fonte: Medallion with Olympias – Coleção Online do The Walters Art Museum.
Disponível em: <https://art.thewalters.org/object/59.2/>. Acesso em: 07/04/2025.

A imagem de Olímpia foi retratada, muito tempo depois, juntamente com várias outras peças que fazem parte de uma série de grandes medalhões de ouro⁶ encomendados para homenagear o imperador Caracala (198 – 217 d.C.), representando-o como descendente de Alexandre, o Grande⁷. Olímpia é retratada, em um dos lados, de perfil e, no outro lado, vê-se uma nereida (ninfa do mar), talvez Tétis, mãe de Aquiles, montada em um hipocampo – uma criatura marinha mítica –, reforçando, mais uma vez, a reivindicação da descendência da deusa Tétis, por parte da família de Olímpia.

Com dezesseis anos, durante suas iniciações nos Mistérios de Samotrácia, Olímpia teria conhecido Filipe da Macedônia⁸. A futura rainha macedônia, na época já órfã tanto de pai como de mãe, recebeu a autorização de seu irmão Arribas para se casar, feito que teria ocorrido por volta de 360 a.C. A região do Épiro (em grego: *Ἠπειρος*) é, atualmente, uma das 13 regiões modernas da Grécia, localizada no sudoeste da península balcânica e é dividida entre a Albânia e a Grécia tanto histórica como geograficamente. Contudo, o reino de Épiro, à época de Felipe II da Macedônia, fazia fronteira a oeste com o reino da Macedônia e, portanto, era parte de um programa estratégico, tanto político como militar, possuir uma aliança entre ambos os países.

Olímpia foi a quarta esposa de Filipe II, rei da Macedônia, e deu a ele dois filhos: Alexandre, que viria a ser Alexandre III ou Alexandre, o Grande e Cleópatra da Macedônia. Ainda hoje, pouco se sabe sobre a morte de Olímpia. A parte final da *Vida de Alexandre* foi perdida e é possível que tal fragmento tenha apresentado informações sobre o destino de Olímpia (Cavero, Morillo e Hermida, 2007). Rodrigues (2018), em seu capítulo intitulado *Peri Basilissas. Em torno da importância política de cinco rainhas helenísticas*, publicado na coletânea *Arqueologia de Império*, pela Universidade de Coimbra, em 2018, teoriza, através de estudos realizados utilizando-se das demais fontes existentes sobre Alexandre e seus sucessores, que Olímpia teria tido participação e, teria até mesmo apoiado o filho de Alexandre com Roxana, o jovem Alexandre IV, a

⁶ Esses medalhões, encontrados em Abuquir, no Alto Egito, demonstram a arte e a destreza técnica alcançadas por uma casa da moeda imperial, talvez a de Éfeso ou Perinto (ambas cidades na Ásia Menor Ocidental). Esta moeda, segundo informações do *The Walters Art Museum*, é obra de um artista romano, datada entre 215 e 243 d.C., feita inteiramente de ouro. Originária de Aboukir, no Egito, foi descoberta em 1902 e, mais tarde, adquirida pelo *The Walters Art Museum*, localizado na cidade de Baltimore, no estado Norte-Americano de Maryland, onde é, atualmente, seu local de depósito.

⁷ Trata-se da *imitativo Alexandri*, termo destinado a tratar das comparações dos romanos com o monarca macedônio. Sabe-se que, desde Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) até o imperador Alexandre Severo (222 – 235 d.C.), todos os imperadores estabeleceram ligação com o modelo alexandrino de alguma maneira (Pause 2021). Assim, o medalhão, aqui apresentado, faz parte de uma dupla comparação: Caracala é comparado a Alexandre, o conquistador do Oriente, enquanto o próprio Alexandre é comparado a Aquiles, herói da Guerra de Tróia, através da figura de sua mãe.

⁸ Estes rituais, realizados na ilha de Samotrácia, estavam ligados ao culto aos deuses Cabiros (*Κάβειροι – Kábeiroi*). Os mesmos eram deuses auxiliares de Hefesto e eram associados à fertilidade e a riquezas. Carney (2006) nos afirma para termos cautela sobre esse encontro que, segundo ela, foi tida como uma invenção romântica de fontes posteriores a Alexandre.

conseguir o governo da Macedônia. Entretanto, a mesma teria se envolvido em vários esquemas, inclusive na execução de nobres macedônicos que eram oposição à rainha (Rodrigues 2018).

O que o historiador nos apresenta, em especial através de Diodoro Sículo⁹ e das análises das historiadoras Macurdy (1985) e Carney (2000; 2006), é de que, após perder o apoio dos macedônios, Olímpia teria se refugiado em Pidna, região central da Macedônia. Ali, teria enfrentado um cerco realizado por Cassandro, aquele que ficaria com o poder do reino helênico da Macedônia após a morte tanto de Olímpia como de Alexandre IV. Ao se entregar a Cassandro, Olímpia então é julgada (em um tribunal que não contava com a própria presença da rainha) e, não tão facilmente, foi condenada à morte por apedrejamento (Rodrigues 2018).

A partir dos relatos de Plutarco, e também dos demais historiadores que escreveram sobre Alexandre, sobretudo Diodoro Sículo¹⁰, é possível reconhecer uma Olímpia ativa politicamente. Segundo Serrano (2014) seu principal objetivo político era estabelecer Alexandre como sucessor ao trono de seu marido, visto que Filipe II da Macedônia chegara a ter sete mulheres ao longo de sua vida e Alexandre não era seu primogênito. Sabe-se que antes do nascimento daquele que, no futuro, conquistaria os persas, Filipe teria tido Arrideo, nascido entre 358 e 357 a.C. Apesar de Arrideo não significar uma real ameaça, uma vez que era considerado portador de alguma doença mental (talvez causada por envenenamento pela própria Olímpia, como trataremos a seguir), todas as demais esposas que sucediam a Olímpia eram um risco à sua posição e à posição de seu filho.

A mais conhecida rival de Olímpia e esposa de Filipe II foi Cleópatra, a última das sete esposas. Cleópatra era sobrinha de Átalo, um nobre macedônico em ascensão na corte de Filipe II. Por conta de sua descendência macedônica, tanto a nova esposa como o possível filho do casal contariam com maior legitimidade frente à assembleia militar macedônica, o que legitimaria um possível filho do casal como sucessor de Filipe II. Entretanto, Filipe é assassinado antes mesmo de ter um filho com Cleópatra, e as principais suspeitas pelo crime recaíram sobre Olímpia e, por consequência, sobre Alexandre; um problema que seria superado posteriormente.

Após a morte de Filipe, Olímpia passou a desempenhar um papel ativo na política macedônica e do Épiro. Segundo Plutarco, ela mantinha correspondências contínuas com o filho, lhe enviando notícias de sua terra natal, lhe alertando de complôs, entre outros vários assuntos, e, de acordo com os escritos do queronês, Alexandre mantinha essas cartas em segredo, sendo apenas

⁹ Diodoro Sículo ou Diodoro da Sicília (em grego: Διόδωρος ὁ Σικελός) viveu, aproximadamente, entre 90 a.C. e 30 a.C., tendo sido um historiador grego responsável pela escrita de sua única obra conhecida: a *Biblioteca Histórica* ou *História Universal* que versa sobre episódios da história da Grécia e de Roma.

¹⁰ Segundo Rodrigues (2018), Plutarco de Queroneia e Diodoro Sículo são as duas melhores opções de estudo sobre Olímpia de Épiro.

compartilhadas com Heféstio (Plut. *Alex.*, XXXIX. 8)¹¹. Durante uma rebelião liderada por Antípatro, um dos principais opositores de Alexandre, Olímpia e sua filha, também chamada Cleópatra, se insurgiram contra ele e conseguiram derrotá-lo. Olímpia, então, assume a regência do Épiro e Alexandre consente com essa decisão, uma vez que sua mãe não seria aceita no poder da Macedônia (Plut. *Alex.*, LXVIII).

Olímpia era uma estrangeira que, sendo por amor ou por interesses políticos (Serrano 2014), se casou com o rei da Macedônia, o mesmo que iniciou uma série de batalhas militares e diplomáticas pela hegemonia da Grécia e preparou o campo para as campanhas militares de Alexandre. Olímpia, a partir dos escritos de Plutarco, não só participou ativamente dos jogos políticos enquanto rainha e mãe, como buscou sustentar o seu poder e o de seu filho que lutava a longas distâncias de casa. Mesmo após a morte de Alexandre, Olímpia continuou a ser uma ameaça e foi a responsável pela morte de uma quantidade razoável de pessoas durante seu momento de cólera pela morte do filho (Plut. *Alex.*, LXXVII. 2-3).

Infelizmente, no Brasil, pouco material é encontrado sobre essa tão emblemática rainha. As pesquisas em torno de Alexandre, nas quais a minha própria se insere, apesar de trazerem inovações nos estudos sobre o rei macedônico e, cada vez mais explorarem temas não pesquisados sobre ele, a figura de sua mãe ainda recebe poucas menções e levantamentos. É urgente a necessidade de uma avaliação das representações da rainha macedônica através das demais fontes sobre Alexandre a fim de termos uma melhor compreensão sobre a mesma. Faz-se necessário, também, a ampliação de buscas por suas inúmeras representações modernas, sejam em filmes, histórias em quadrinhos e, até mesmo, em jogos.¹²

Olímpia na *Vida de Alexandre*

Olímpia de Épiro aparece na *Vida de Alexandre* logo nas primeiras páginas. Plutarco faz questão de, logo no começo, apresentar a mãe de Alexandre e, de certa forma, deixar claro o que pensava sobre a rainha. Plutarco inicia com o relato sobre o casamento de Olímpia com Filipe II. Os dois teriam se conhecido durante a celebração dos Mistérios de Samotrácia (Plutarco, *Alex.*, II.

¹¹ Falaremos mais sobre essas cartas mais adiante e, em específico, na nota 13 deste artigo.

¹² Como exemplo, podemos citar os filmes *Alexander*, de 2004, no qual Olímpia foi interpretada pela atriz Angelina Jolie, e *Alexandre Magno*, de 1956, com Olímpia sendo interpretada pela atriz Danielle Darrieux. (Prieto e Borja 2008). Nos livros temos a adaptação da franquia *God of War* para a figura de Alexandre, chamado de *Alexander: God of War*, lançado em 2013 e criado pelo canadense Christian Cameron. No mundo dos jogos, há a segunda expansão da franquia *Rome: Total War*, jogo de estratégia desenvolvido pela Creative Assembly, que permite ao usuário jogar com o próprio Alexandre e, assim, realizar a sua própria campanha de expansão frente aos persas e aos demais povos da antiguidade.

2–3). Ali, os dois teriam se apaixonado e, através do consentimento de Arribas, irmão de Olímpia, teriam se casado.

Além disso, o queronês, desde o início, também insere as questões mitológicas que acompanharam a vida de Alexandre de certa forma, e as associa com a figura de sua mãe. Plutarco conta que, mesmo antes das bodas nupciais e de ambos se encontrarem para a possível primeira noite juntos, Olímpia teria sido atingida por um raio na região de seu ventre e este mesmo raio teria provocado um pequeno incêndio que se extinguiria em seguida (Plut. *Alex.*, II. 3–5). Mais tarde essa mesma história foi reaproveitada pelos autores que escreveram sobre Alexandre. Acredita-se que foi de Eratóstenes de Cirene de quem Plutarco parece ter retirado a informação de que Olímpia teria revelado a Alexandre que seu verdadeiro pai não era Filipe, mas sim Zeus (Plut. *Alex.*, III. 3–5).

Porém, outras histórias de cunho mitológico acompanham o nascimento de Alexandre e as primeiras menções de Olímpia no relato de Plutarco. Filipe teria tido um sonho logo depois das bodas do casal, no qual ele mesmo marcava Olímpia no ventre, possivelmente com um ferro aquecido, uma forma que lhe parecia o símbolo de um Leão (Plut. *Alex.*, II. 4–5). Segundo os adivinhos consultados pelo rei macedônico, em especial Aristandro de Telmeso, citado pelo próprio Plutarco, o tal sonho era um aviso a Filipe de que ele não estaria cumprindo com seus deveres matrimoniais e que o filho que nasceria de Olímpia seria “valoroso e com a natureza própria de um leão” (Plut. *Alex.*, II. 5).

No entanto, o último dos primeiros relatos que envolvem Olímpia é o mais marcante e aquele que já antecipa ao leitor a imagem bárbara que Plutarco irá construir ao longo de sua narrativa sobre a mãe de Alexandre. Em certa ocasião, o autor relata que Olímpia costumava dormir junto a uma serpente e que tal fato teria debilitado as relações de amor e afeto entre a rainha e Filipe, pois este foi tomado pelo temor de ser enfeitiçado ou até mesmo morto por sua mulher (Plut. *Alex.*, II. 6–7). Plutarco, na mesma passagem, explica que era costume das mulheres da região (sem especificar qual, mas provavelmente se referindo ao Épiro), desde muito jovens, iniciarem-se nos ritos órficos e nas celebrações orgiásticas de Dioniso e de que estas recebiam o nome de Clodonas e Mimálonas (Plut. *Alex.*, II. 7). O comportamento dessas mulheres era semelhante, segundo Plutarco, ao das mulheres Edômas e das mulheres trácias da cordilheira de Hemo. Olímpia, que se comprometia com esses rituais e se comportava de “maneira mais bárbara em seus delírios” levava consigo, nos rituais dionisiacos, “grandes serpentes domesticadas” com certa frequência, o que deixava os homens “estupefatos” (Plut. *Alex.*, II. 9). Essas características, apontadas por Plutarco, encontram eco no trabalho de Rodrigues (2018), no qual o historiador destaca que esse tipo de comportamento demonstrado por Olímpia estava ligado também a algo que acontecia no Oriente, ou

seja, o papel de rainhas-mães que possuíam muito mais liberdades e que, através de seus esquemas políticos, buscavam colocar seus filhos como sucessores de seus maridos. Por esse motivo, as mulheres do Épiro são colocadas como diferentes das mulheres do sul da Grécia e até mesmo da Macedônia (Rodrigues 2018).

Podemos perceber, então, uma construção de Olímpia em Plutarco ligada às questões de cunho religioso e bárbaro. Suas preferências e práticas religiosas, em especial aquelas ligadas ao deus Dioniso são, para Santos e Contador (2013), os principais motivos para Plutarco classificá-la enquanto portadora de traços comportamentais desviantes e categorizá-la como “bárbara”. Para os mesmos historiadores supracitados, quando Plutarco compara as atitudes das mulheres da região ou geração de Olímpia com as mulheres Edômas e Trácias, é possível perceber uma ligação aos desejos e aos sentimentos de fúria e vontade de guerrear, tornando-se, assim mulheres belicosas, atitude considerada não natural à mulher.

Olímpia, ao longo dos relatos de Plutarco, é descrita quase sempre como uma mulher que “excedeu o permitido, que se desvia da ordem desejável” e era portadora de “comportamentos barbarescos” (Santos e Contador 2013, 180). Esse excesso é inicialmente visto no campo religioso, onde é visível uma dedicação aos serviços dos deuses realizada de maneira supersticiosa e desmedida (Santos e Contador 2013). Contudo, são visíveis também as ações desmedidas nas ações políticas de Olímpia, no trato com seus inimigos e até no convívio com seu filho Alexandre.

Em outra passagem, Plutarco relata que um dos primeiros tutores de Alexandre foi um homem chamado Leônidas (Plut. *Alex.*, V). Leônidas era parente de Olímpia e isso deixa evidente uma intromissão ou, ao menos, uma preocupação da rainha em se inserir na vida do filho e em sua educação. Olímpia também é apresentada como alguém que “provocava numerosas queixas e violentas desavenças” nas relações matrimoniais com Filipe e, conseqüentemente, na condução política do reino (Plut. *Alex.*, IX. 5). É nesse momento que o autor descreve pela primeira vez, de maneira direta, o caráter da rainha: ela é retratada como uma mulher de “caráter difícil”, “ciumenta e colérica”, cuja influência sobre Alexandre se estendia até suas ambições por poder e relevância. (Plut. *Alex.*, IX. 5). Tal influência é demonstrada pelo autor enquanto este relata o casamento entre Filipe II e a jovem Cleópatra, sobrinha de Átalo, um nobre macedônico.

Durante as bodas do casal e na presença de Alexandre, Átalo exortou a todos que fizessem uma prece aos deuses para concederem não apenas um filho ao casal, mas também um legítimo sucessor ao reino macedônio. Alexandre foi tomado pela cólera – fato justificado por Plutarco pelo consumo de vinho – e, após questionar Átalo se ele o considerava um bastardo, lançou contra ele o copo com o qual estava bebendo. A ação de Alexandre causou fúria em seu pai, que desembainhou

a espada contra o filho, mas “por sorte de ambos o vinho e sua própria cólera” fizeram com que Filipe resvalasse e caísse ao chão. Diante da cena, Alexandre zombou de seu pai, o colocando como aquele que “de leito em leito acabaria no solo”, referindo-se a uma impressão de que o pai acabaria morto antes de “passar da Europa para Ásia”, ou seja, antes mesmo de iniciar a campanha contra os persas (Plut. *Alex.*, IX. 6-11).

Após esse episódio, Plutarco relata que Alexandre seguiu sua mãe em exílio e se instalou em Épiro, “residindo entre os ilírios” (Plut. *Alex.*, IX. 11), fato esse que se deu por volta do ano 337 a.C. (Cavero, Morillo e Hermida 2007). Pouco antes da morte de Filipe, e tendo Alexandre já retornado a Macedônia, o autor escreve novamente sobre uma situação de desavença entre Alexandre e seu pai, quando uma proposta de casamento entre a filha do sátrapa da Caria e o filho mais velho de Filipe, Arrideo, foi cogitada. Mais uma vez, agora associada aos amigos de Alexandre, Olímpia é responsável por, segundo Plutarco, levantar “falsas acusações” contra Filipe, por meio das quais o rei estaria tentando assegurar o trono a Arrideo e não a Alexandre (Plut. *Alex.*, X. 1).

Filipe II morre logo em seguida nos relatos de Plutarco. As principais suspeitas do assassinato recaem sob Olímpia e, conseqüentemente, acabam alcançando também Alexandre (Plut. *Alex.*, X. 5). Contudo, Plutarco deixa a entender, em um parágrafo curto antes de iniciar seus relatos sobre a ascensão de Alexandre ao trono, que Alexandre teria se livrado de tais acusações com a punição rápida daqueles que seriam apontados como os responsáveis da morte de seu pai e que, apesar de repreender a mãe por ter “tratado mal Cleópatra¹³ durante sua ausência”, teria, de uma forma ou de outra, a protegido das acusações (Plut. *Alex.*, X. 6-7).

Na sequência desses relatos, Olímpia passa a aparecer mais raramente na obra de Plutarco. Sua próxima menção é curta, quando Plutarco relata um envio de partes do saque realizado em Gaza por Alexandre para sua mãe, sua irmã Cleópatra, seu antigo tutor Leônidas e seus demais amigos (Plut. *Alex.*, XXV. 6). O registro sobre o envio de partes do saque para sua mãe, em especial de terras persas, ou seja, do “oriente”, é comum por parte de Alexandre e relatado outras vezes por Plutarco.

Outras menções acerca de Olímpia merecem destaque. O primeiro se refere às cartas enviadas por ela a Alexandre. Já mencionadas anteriormente neste artigo, essas cartas tinham um cunho político claro e eram mantidas em segredo por Alexandre, sendo compartilhadas apenas com seu companheiro Heféstio (Plut. *Alex.*, XXXIX. 8). Em uma dessas cartas, em que Plutarco nos

¹³ Última esposa de Felipe II.

conta o que estava escrito, Olímpia teria advertido o filho sobre os presentes e honrarias que concedia a seus amigos. Olímpia teria escrito: “Se queres favorecer e exaltar a teus amigos, busca outro método, pois dessa forma está fazendo de cada um deles um rei em potencial e lhes está proporcionando numerosas amizades enquanto se isola a ti mesmo” (Plut. *Alex.*, XXXIX. 7). Nessa passagem fica visível, ao menos na leitura plutarqueana, uma rainha envolvida politicamente e que se preocupava com a administração do império que seu filho conquistara e governava¹⁴.

As ameaças contra o reinado de Alexandre eram múltiplas e, mesmo aqueles beneficiados com títulos e posses, além de riquezas dos saques, podiam facilmente voltar-se contra Alexandre. A preocupação de Olímpia também está presente nas passagens em que Plutarco trata sobre o aviso dado pelo filho de Maceo – que anteriormente teria sido um importante personagem ao lado de Dario III. Este, agora senhor de uma nova satrapia (provavelmente da Síria e Mesopotâmia) concedida pelo macedônio, o advertia: “Senhor, antes havia só um Dario, mas agora tu criaste muitos Alexandres” (Plut. *Alex.*, XXXIX. 9).

Contudo, Plutarco relata que Alexandre não deixava nem sua mãe, nem seus generais e companheiros se intrometerem em seus assuntos, tampouco em suas decisões militares e que, mesmo quando sua mãe o reprovava em cartas, ele levava com calma sua irritação e seu mal humor (Plut. *Alex.*, XXXIX. 12-13). Entretanto, logo em seguida, Plutarco demonstra a influência que Olímpia ainda mantinha, mesmo à distância, sobre Alexandre, quando nos é relatado que Antípatro, general macedônico apoiador tanto de Filipe II como de Alexandre, teria escrito uma longa carta contra Olímpia e suas ações e que, após lê-la, Alexandre teria respondido a Antípatro de que este “ignorava que uma só lágrima de uma mãe bastava para borrar dez mil cartas” (Plut. *Alex.*, XXXIX. 13).

As ações políticas de Olímpia em favor de seu filho (e de si mesma) não se encerram aqui. Como já mencionado anteriormente, ela, ao lado da filha Cleópatra, revolta-se contra Antípatro, quando esse, acuado pelas mortes de Parmênio e Filotas por parte de Alexandre, uniu-se à Liga Etólia em defesa de possíveis ações de Alexandre. Olímpia e Cleópatra, teriam saído vencedoras desse conflito e a rainha macedônica teria assumido o controle do Épiro, fato esse que teria sido apoiado por Alexandre (Plut. *Alex.*, LXVIII).

¹⁴ Vale ressaltar que devemos tomar essas cartas, ou melhor, o seu uso como fonte histórica com prudência. Sabemos que, grande parte da historiografia as trata, pelo menos desde 1960, como espúrias, ou seja, como algo ilegítimo ou de origem não genuína. As mesmas, a partir disso, são cotadas aqui, pois aparecem em nosso autor e, verdadeiras ou não, desejavam exercer uma função na biografia histórica de Plutarco. Para mais recomenda-se: Pearson, Lionel. “The Diary and Letters of Alexander the Great”. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* 3, n. 4 (1955): 429 – 455.

As últimas citações sobre Olímpia na *Vida de Alexandre* ocorrem quando Plutarco relata sobre sua fúria após saber da morte do filho. Ao ser informado da possibilidade de envenenamento de Alexandre, Plutarco escreve que Olímpia teria mandado matar um “bom número de pessoas” e até a desenterrar o corpo de um dos suspeitos de ter usado o veneno (Plut. *Alex.*, LXXVII. 2). Nada consta nos relatos de Plutarco sobre a morte de Olímpia e, como já mencionado, acredita-se que tais informações poderiam estar em uma provável continuação da *Vida de Alexandre* ou na comparação com a *Vida de Júlio César*, também perdida¹⁵. Olímpia ainda é mencionada mais quatro vezes na *Vida de Eumenes de Cardia*, um general grego, diádoco e que alcançou a posição de rei da Armênia, logo após a morte de Alexandre.

Considerações Finais

A Olímpia retratada por Plutarco pode ser definida como uma mulher de múltiplas facetas. Na mesma medida em que é colocada como rainha, esposa de Filipe II e mãe de Alexandre, ela é entendida, seja por suas práticas religiosas ou por suas ações políticas, como portadora de comportamentos desviantes, fora da regra, um antimodelo. Em nossas pesquisas, percebemos que Plutarco escreve a biografia de Alexandre com a intenção de servir de exemplo aos governantes do Império Romano. Plutarco, enquanto grego inserido na sociedade romana e mantendo relações com senadores e pessoas influentes da alta aristocracia romana, compartilhava os ideais do *mos maiorum* romano e da *paideia* – a educação grega vista por ele como elemento fundamental para a manutenção do comportamento e do governante ideal. Entretanto, esses exemplos não eram baseados apenas nas virtudes e nos aspectos positivos de Alexandre, mas também em seus vícios e aspectos negativos.

Ao descrever Olímpia como bárbara e ao censurar as atitudes da mãe do conquistador ao longo de toda a sua narrativa, Plutarco talvez queira nos deixar claras as ações de uma mulher que, assim como seu filho Alexandre, serviria de exemplo aos homens aristocratas romanos. Dessa forma, Olímpia assumiria o papel do que não deveria ser seguido em termos de comportamento e de conduta pelas mulheres aristocratas romanas. Entretanto, devemos estar atentos a propaganda anti-Olímpia, que teria existido durante as disputas sucessórias após a morte de Alexandre, segundo nos aponta Carney (2006). A mesma historiadora nos apresenta a possível correlação dessa propaganda e da representação negativa que Plutarco teria tido de Olímpia.

¹⁵ É comum, nas *Vidas Paralelas*, Plutarco colocar lado a lado a vida de um herói ou figura renomada grega com a de um herói ou figura renomada romana e, ao final das *Vidas* de ambos, fazer uma breve comparação entre as duas. Contudo, em algumas dessas biografias, perdeu-se ora a vida de um ou outro ora suas comparações, como é o caso das *Vida de Alexandre* e *Vida de Júlio César*.

Contudo, como nos aponta Rodrigues (2018) há, em Olímpia, um tipo de mulher que está longe dos ideais gregos de mulher ateniense, que deveria ser voltada e recolhida ao *gineceu* (em grego: *γυναικεῖον*)¹⁶ assim como portadora do silêncio frente a ações e debates políticos. Olímpia, portanto, nos mostra uma figura portadora de certa emancipação para sua época e representa, dentro da narrativa plutarquiana, um antimodelo, visto que é retratada como uma personagem envolta em ações desmedidas e em práticas excessivas, características que a tornam algo a ser evitado. Por fim, esperamos que cada uma das passagens aqui, praticamente enumeradas, advindas dos escritos de Plutarco de Queroneia, e as pequenas análises que nos propomos a fazer, junto com a bibliografia apresentada, possam servir de auxílio para demais trabalhos que possam surgir sobre esta rainha fascinante.

Referências Bibliográficas

Documentação textual

Plutarco. [60-90 d.C.] 2007. *Vidas paralelas VI*. Introdução, Tradução e Notas de Jorge Bergua Cavero, Salvador Bueno Morillo e Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid: Editorial Gredos.

Plutarco. [60-90 d.C.] 2004. *Lives Demosthenes and Cicero, Alexander and Caesar*. Translated of Bernadette Perin. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. The Loeb Classical Library.

Bibliografia

Biazotto, Thiago do Amaral. *Sob o Signo do Grande Rei: a barbarização de Alexandre Magno em Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Plutarco e Arriano*. 2016. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Carney, Elizabeth Donnelly. 2000. *Woman and Monarchy in Macedonia*. Norman: University of Oklahoma Press.

Carney, Elizabeth Donnelly. 2006. *Olympias, Mother of Alexander the Great*. London: Routledge.

Cavero, Jorge Bergua; Salvador Bueno Morillo e Juan Manuel Guzmán Hermida. 2007. “Introducción – Alejandro”; “Notas”. Em Plutarco. *Vidas paralelas VI*. Introdução, Tradução e Notas de Jorge Bergua Cavero, Salvador Bueno Morillo e Juan Manuel Guzmán Hermida, 9-13. Madrid: Editorial Gredos.

¹⁶ Uma parte, segundo os modelos das antigas casas gregas, reservada e destinada apenas às mulheres.

Droysen, Johann Gustav. 2010. *Alexandre: o Grande*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Hartog, François. 2004. *Memória de Ulisses: Narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Liparotti, Renan. Marques. 2017. “Introdução”. Em Plutarco. *A ‘Fortuna’ ou A ‘Virtude’ de Alexandre Magno*. Tradução, Introdução e Comentários de Renan Marques Liparotti. 9 – 57. São Paulo: Editora Annablume.

Macurdy, Grace Harriet. 1985. *Hellenistic Queens. A study of Woman – Power in Macedonia, Seleucid Syria and Ptolomaic Egypt*. Chicago: Ares Publishers.

Medallion with Olympias, fotografia, The walters art museum, acesso em: 07/04/2025, <https://art.thewalters.org/object/59.2/>

Ogden, Daniel. 2011. *Alexander the Great. Myth, Genesis and Sexuality*. Exeter: University of Exeter Press.

Pause, Henrique Hamester. 2019. “Alexandre, o Grande: uma historiografia do ‘Filho de Zeus’”. Em *Mitos, deusas e heróis: ensaios sobre a Antiguidade e o Medievo*, editado por Semíramis Corsi Silva e Ivan Vieira Neto, 124-135. Goiânia: Edições Tempestivas.

Pause, Henrique Hamester. “Alexandre Magno como Homem-Fronteira: virilidade e identidade Greco-romana na construção do monarca macedônio por Plutarco e Arriano (séculos I – II d.C.)”. 2021. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

Prieto, Alberto; e Borja Antela. 2008. “Alejandro Magno em el cine”. Em *Imágenes la antiguidade em las artes escánicas y visuales*. Editado por Maria José Castillo Pascual, Silke Knippschild, Marta García Morcillo e Carmen Herreros González, 263-279. Logroño: Universidad de La Rioja.

Rodrigues, Nuno Simão. 2018. “Peri Basilissas. Em torno da importância política de cinco rainhas helenísticas.” Em *Arqueologias de Império*. Editado por Delfin Leão, José Augusto Ramos e Nuno Simão Rodrigues, 257 – 276. Coimbra University Press.

Sant’Anna, Henrique Modanez de. 2011. *Alexandre Magno: a paixão da guerra*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Santos, Dominique Vieira Coelho dos; e Ana Letícia Contador. 2013. “Olímpia de Épiro: uma leitura dos comportamentos barbarescos da rainha macedônica na obra Vidas Paralelas de Plutarco”. *Revista História e Cultura* 2, n. 3 (2013): 172-185.

Serrano, Cláudia Zaragoza. 2014. “Las mujeres de Alejandro em el cine”. Em *La Historia Antigua a través del cine: Arqueología, Historia Antigua y Tradición clásica*. Editado por Borja Antela-Bernádez e César Sierra Martín, 133-155. Barcelona. Editorial UOC.